

## POLÍTICAS CURRICULARES E DESCOLONIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS: A LEI 10.639/03 E OS DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES<sup>1</sup>

Luciane Ribeiro Dias Gonçalves<sup>2</sup>

Universidade Federal de Uberlândia

### ENTREVISTA: KABENGUELE MUNANGA.

Professor do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo

**RESUMO:** A entrevista objetiva refletir sobre os desafios e implicações da implementação da Lei 10.639/03. Apresenta o contexto nacional que procura superar o Mito da Democracia Racial quando assume ser racista ao sancionar a referida lei. Contudo, a legislação não é suficiente para superar o histórico preconceituoso do nosso país. Aponta para a necessidade de descolonização dos currículos que supere a visão eurocêntrica e possa se abrir para o diálogo com as demais culturas que compõem a identidade nacional. Não seria apenas uma troca de centralidade, mas a busca de diálogo entre todas as culturas. Assim, a formação docente é prioritária nesse contexto. Apesar das dificuldades de concretização da lei, muito tem sido feito tanto nos aspectos das pesquisas educacionais, quanto das práticas pedagógicas.

**Palavras-chave:** Lei 10.639/03, prática docente, pesquisa.

**ABSTRACT:** The interview aims to reflect on the challenges and implications of implementation of Law 10.639/03. Presents the national context that seeks to overcome the myth of Racial democracy when takes on being racist to sanction the Act. However, the legislation is not enough to overcome the biased history of our country. Points to the need for decolonization of resumes that exceed a Eurocentric vision and can open up to dialogue with other cultures that make

---

<sup>1</sup> Agradecemos ao Prof. Rodrigo, do Curso de Ciências Sociais - UFU e das discentes Beatriz e Darjiane do curso de Pedagogia – FACIP/UFU, pelas diferentes contribuições para a realização desta entrevista.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora da Universidade Federal de Uberlândia, atuando na Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, no curso de Pedagogia. E-mail: [luciane@pontal.ufu.br](mailto:luciane@pontal.ufu.br)

up the national identity. Wouldn't it be just an exchange of centrality, but the pursuit of dialogue between all cultures. So, the teacher education is a priority in this context. Despite the difficulties of implementation of the law, much has been made in the aspects of educational research and pedagogical practices.

**Keywords:** 10.63903 law, teaching practice, research.

**RÉSUMÉ:** L'entrevue a pour objectif de réfléchir sur les défis et les implications de la mise en œuvre du droit 10.63903. Présente le contexte national qui vise à surmonter le mythe de la démocratie raciale quand prend être raciste de sanctionner la Loi. Toutefois, la législation n'est pas suffisant pour surmonter l'histoire partielle de notre pays. Souligne la nécessité pour la décolonisation de curriculum vitae qui excèdent une vision eurocentrique et peut ouvrir au dialogue avec les autres cultures qui composent l'identité nationale. Ne serait-il pas juste un échange de centralité, mais la poursuite du dialogue entre toutes les cultures. Ainsi, la formation des enseignants est une priorité dans ce contexte. Malgré les difficultés de mise en œuvre de la Loi, beaucoup a été fait dans les aspects de la recherche en éducation et les pratiques pédagogiques.

**Mots-clés:** 10,63903 droit, pratique de l'enseignement, recherche.

**D**esde 2003, com a sanção da Lei 10.639/03 que trata da inclusão da História e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, temos presenciado a necessidade de retornamos à História brasileira e reconsiderarmos a construção da identidade nacional no que tange as participações de negros e indígenas para esse processo. Na sua visão, que contribuições poderiam ser provocadas na perspectiva da descolonização dos currículos escolares?

**Kabenguele Munanga:** Os currículos escolares que temos atualmente são reflexos da história do país. Fundamentalmente baseiam-se na questão da dominação. Em todas as sociedades ocidentais que conhecemos, a educação é monopólio do Estado. Na realidade os currículos que temos reproduzem a visão do Estado. Contudo, entendo que este currículo tem que ser modificado, e isso passa pela luta social representada pela atuação dos movimentos sociais

como, por exemplo, o movimento negro e o movimento feminista. São eles que podem mudar o conteúdo desses currículos para incluírem a história dos oprimidos, a história das vítimas da discriminação racial, a história do machismo etc. Então, uma sociedade que quer mudar, uma sociedade que se revê constantemente, tem necessariamente que rever seus currículos escolares de acordo com a demanda da sociedade, de acordo com a evolução desta sociedade. Nós não podemos ficar com currículos escolares do século passado que nada tem haver com a dinâmica da sociedade. Não temos que ficar com currículo escolar que é simplesmente fundamentado em uma única visão do mundo, numa visão eurocêntrica que não contempla a diversidade, que não contempla as diferenças. Na realidade não é um currículo inclusivo, e sim exclusivo.

**Então a fundamentação filosófica de construção de um novo currículo seria partir para o afrocentrismo?**

**Munanga:** A questão não é fugir do eurocentrismo para fazer uma fundamentação afrocentrista. A questão é simples, basta incluir os outros conhecimentos invisibilizados e, assim ter um currículo que contemple todas as raízes formadoras do Brasil. Assim, teríamos um currículo sem excluir as raízes ocidentais, indígenas e africanas. Pelo contrário, seria o movimento de incluir todas. Incluir as raízes africanas que foram excluídas não se trata de substituir um *centrismo* por outra forma de *centrismo*, mas é premente incluir outras visões de mundo.

**Na apresentação do Livro *Superando o racismo na escola*, o senhor argumenta que professores “praticam a política de avestruz ou sentem pena dos ‘coitadinhos’, em vez de atitude responsável que consistiria por um lado mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e afirma também sobre a necessidade de os professores ajudarem o aluno**

**discriminado assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença...”. Por onde começaria uma prática pedagógica que superasse a política do avestruz? O que seria importante para esse profissional encarar esse desafio?**

**Munanga:** Eu acredito que o ponto de partida é a própria formação dos educadores. Educadores foram formados em uma visão monocultural, baseada na perspectiva ocidental, que nós chamamos de visão eurocêntrica. Além disso, esses educadores viveram suas relações cotidianas dentro do universo racista brasileiro, introjetando a ideia limitante de democracia racial e naturalizando a invisibilidade do outro. Então, a primeira coisa a se fazer é abrir os olhos dos educadores para eles possam perceber a injustiça da ausência do outro na Educação. Eles precisam perceber que a história do país deles não é essa história que foi ensinada. Reconhecer o Brasil como um país que nasceu do encontro das diferenças, das culturas e das civilizações. Não podem ser negadas contribuições dos povos indígenas que aqui estavam, dos colonizadores portugueses e europeus de varias origens que aqui chegaram como imigrante e dos africanos que foram transportados e trazidos para cá. Então, abrir os olhos dos educadores no sentido de que eles possam deixar de praticar a política de avestruz. As vezes eles praticam isso inconscientemente. Parece que eles não enxergam mais. Exemplifico com uma historia que eu conto de uma jovem topeira, um ser que vive excluído debaixo da terra. Um dia uma jovem topeira disse pra mãe que começara a enxergar. A mãe respondeu: Mas minha filha, que maravilha! Nossa gente nunca enxergou. Aí a mãe colocou diante dela um pedaço de incenso e perguntou que objeto era aquele. A topeira respondeu para mãe que era uma pedra. Espantada a mãe respondeu: Mas minha filha agora a coisa complicou. Agora você apenas não enxerga, você deixou de sentir. Você perdeu o olfato. Assim são muitos brasileiros: não enxergam. Além de não enxergarem, eles perderam o olfato. Parece que não entendem nada e não

enxergam mais nada. A mesma coisa acontece quando uma pessoa branca discrimina e nega o fato. É natural para ela tratar o negro de forma pejorativa, pois, quando passa em algum lugar não vê o negro. Além de não enxergarmos, perdemos o olfato. Justamente por isso que as pessoas têm de serem educadas para enxergar e sentir.

**No mesmo livro, o senhor argumenta que “não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas”. Depois de 10 anos da Lei 10.639/03, quais os avanços que o senhor consegue perceber?**

**Munanga:** O pleno funcionamento da Lei 10.639/03 encontra algumas barreiras que tem haver com os limites da democracia racial. Existem pessoas que acham que essa lei provoca problemas por acreditarem que não somos racistas. Acredito que o maior avanço é a própria confissão. O fato de o Brasil oficial assumir o seu racismo, é assumir as discriminações da sua sociedade. Isso já é o ponto de partida, é a tomada de consciência. Sem esse reconhecimento você não pode implementar política de mudança para uma realidade em que você não acredita existir. É claro, houve uma lei consequente de mobilização da sociedade, mas ainda existe a resistência na própria sociedade. Outro obstáculo está ligado à resistência de ordem religiosa. Algumas pessoas relutam contra a realidade onde a questão da história da resistência negra no Brasil passa pelo viés da religiosidade. No entanto, não se trata de ensinar dogmas ou liturgias das religiões brasileiras de matrizes africanas, mas apenas mostrar que a história da resistência dos escravizados no Brasil começou pela resistência religiosa, antes de atingir outros campos de resistência. Contudo, existem municípios onde se formam professores com conhecimento das relações étnico-raciais e que estão produzindo livros com novos conteúdos. Estamos

vivenciando um processo e não podemos dizer que já temos resultados e podemos nos consagrar vitoriosos. Esse processo iniciado ainda vai perdurar algum tempo mais antes de se consolidar. Mesmo vencendo atuais obstáculos, aparecerão outros novos de acordo com a dinâmica da sociedade. E neste sentido, a luta tem que continuar.

**Quais seriam os fundamentais pressupostos teórico-metodológicos para que isso aconteça?**

**Munanga:** A gente tem que em primeiro lugar abrir mão de algumas teorias de cunho ocidentais e trabalhar com novas teorias como por exemplo os Estudos Culturais. Isso é importante para nós, uma vez que é uma visão de descolonização da história do negro e da representação sobre o negro. Necessitamos trabalhar com autores que tem esse enfoque, sair um pouquinho dos autores tradicionais. Como um educador, que deseja mudança, vai trabalhar com as teorias de Gilberto Freire que exigem um debate intelectual, num processo de formação de jovens que ainda não tem bagagem intelectual suficiente para fazer uma leitura crítica dessa obra? É um grande sociólogo que construiu uma grande obra, uma obra sociológica monumental que obrigatoriamente deve ficar em nossas bibliotecas para os grandes debates intelectuais, mas não é um livro didático que eu, pessoalmente, recomendaria aos educadores. Existe um livro paradidático com nome de *Casa Grande e Senzala* em Quadrinhos (uma adaptação ilustrada do livro *Casa Grande e Senzala* para a formação dos jovens). Lê-se nesse livro entre outros “que na Casa Grande não havia discriminação entre crianças brancas e negras, pois ambas brincavam igualmente juntos. No entanto quando se observa a ilustração desse trecho de texto, percebe-se que a criança negra serve de cavalo montado por seu “amigo” branco e não o contrário. Um/a educador/a não consciente da

discriminação ou ainda presa no mito de democracia racial não vai perceber essa contradição entre o texto e a ilustração. Como vamos construir uma nova pedagogia, uma pedagogia multicultural anti-racista socializando nossos jovens com livros didáticos dessa natureza?